

DIÁLOGOS JURÍDICOS, FILOSÓFICOS E LITERÁRIOS PELA VIDA

Ana Paula de Oliveira Gomes*

RESUMO: O propósito maior da pesquisa acadêmica consiste em investigar determinado assunto com coerência lógica no processo de obtenção de fontes, análises e inferências. Pois bem. O referencial teórico a ser trabalhado objetiva (a título geral) investigar a vida e obra de Florbela Espanca para – a partir do mundo da literatura – obterem-se respostas a dramas humanos concretos, a exemplo do suicídio/automutilação.

PALAVRAS-CHAVE: Florbela Espanca; suicídio; automutilação.

LEGAL, PHILOSOPHICAL AND LITERARY DIALOGUES FOR LIFE

ABSTRACT: The main purpose of academic research is to investigate a given subject with logical coherence in the process of obtaining sources, analyzes and inferences. Well then. The theoretical framework to be worked on aims (in a general way) to investigate the life and work of Florbela Espanca in order - from the world of literature - to obtain answers to concrete human dramas, such as suicide / self-mutilation.

KEYWORDS: Florbela Espanca; suicide; self-mutilation.

1 INTRODUÇÃO

O propósito maior da pesquisa acadêmica consiste em investigar determinado assunto com coerência lógica no processo de obtenção de fontes, análises e inferências. Pois bem. O referencial teórico a ser trabalhado objetiva (a título geral) investigar a vida e obra de Florbela Espanca para – a partir do mundo da literatura – obterem-se respostas a dramas humanos concretos, a exemplo do suicídio/automutilação.

Especificamente: a) refletir sobre a vida e obra de Florbela Espanca – autora do modernismo português; b) discorrer sobre a problemática do suicídio/automutilação em contraponto à vida humana (pressuposto de direito); c) tecer diálogos entre Direito, Filosofia e Literatura.

Os dramas humanos contemporâneos - no contexto de uma sociedade (supostamente) globalizada, plural e de riscos - aproxima as diversas aplicações do conhecimento humano. Todo conhecimento há que ser crítico porque, nele, há implacável crise: conhece-se, somente, o que o objeto simboliza. Quanto ao fato, inexiste utopia. O conhecimento implica desconhecimento. Essa crise é dialética.

99

* Jurista, escritora e professora. Mestra em Direito Constitucional. Doutora em Filosofia – Estudos da Paz. Conselheira Substituta do TCE/RN. *E-mail:* anagomes@tce.rn.gov.br

Nesse estado de arte, o presente trabalho se justifica por razões de ordem pessoal, social e científica. A título pessoal: pela vontade de servir, de partilhar esperança e fé racional em dias melhores. Tem-se a convicção pessoal de que existir implica compartilhar.

Pelo prisma social: o enfrentamento da delicada questão da busca de sentido à existência humana mais que justifica a pesquisa. Cientificamente, pela necessidade de tecer diálogos jurídicos, literários e filosóficos em perspectiva transdisciplinar.

A metodologia consiste no caminho da pesquisa científica, o que desafia rigor, sistematização, impessoalidade na confrontação de informações/dados considerados relevantes. e coerência lógica no processo de obtenção de fontes, análises e inferências.

À luz dos objetivos geral e específicos desenvolvidos, a metodologia adequada ao estudo do *corpus* foi do tipo bibliográfica. Foram efetivadas consultas a doutrinas, ensaios científicos, jurisprudências, normas jurídicas, sítios institucionais, revistas especializadas, jornais e outras fontes ou materiais disponíveis, a exemplo palestras presenciais e via recursos da tecnologia da informação.

Quanto à natureza, caracterizou-se como aplicada, haja vista a finalidade prática. No que concerne à abordagem do problema, qualitativa. Quanto aos objetivos, situou-se como descritiva e exploratória.

Os resultados, análises e inferências parciais foram explicitados ao longo do referencial teórico desenvolvido. No excerto imediatamente subsequente, serão tecidas as considerações derradeiras da pesquisa.

A metodologia utilizada será do tipo bibliográfica. Serão realizadas consultas a doutrinas, ensaios científicos, jurisprudências, normas jurídicas, sítios institucionais, revistas especializadas, jornais e outras fontes ou materiais disponíveis, a exemplo de palestras presenciais e via recursos da tecnologia da informação. Quanto à natureza, é aplicada (finalidade prática). No que concerne à abordagem do problema, qualitativa. Quanto aos objetivos, situa-se como descritiva e exploratória.

Advirta-se quanto à logicidade do trabalho. Suas seções são interdependentes: a compreensão de cada item está condicionada ao excerto imediatamente antecedente. O objeto cognoscível (*corpus*) é analisado etapa por etapa (estratégia de encadeamento lógico do conteúdo).

Sem olvidar a limitação ínsita ao conhecimento científico, almeja-se conciliar olhar crítico e sensível no sentido de oferecer resposta convincente à problemática averiguada. Desde Einstein se sabe que o desafio acadêmico reside na simplicidade sem ser simplório. O extraordinário é demais e a dificuldade, não raras vezes, encontra-se nas pequenas cousas da vida.

2 A VIDA E OBRA DE FLORBELA ESPANCA

O excerto corresponde ao primeiro objetivo específico definido. Intenciona refletir sobre a vida e obra de Florbela Espanca – autora do modernismo português. O ponto de partida da corrente pesquisa é a literatura.

Florbela de Alma da Conceição Espanca (1894-1930), poetisa portuguesa, optou pelo soneto. Incompreendida em seu tempo (como as almas gigantes o são normalmente), na trágica madrugada do seu 36º aniversário, desencarnou após dose excessiva de sedativo e sonífero do grupo dos barbitúricos.

Sua produção evidencia insatisfação com o plano existencial humano. A escrita é um grito de dor, mágoa, misticismo. Secundariamente, explora a sensualidade - como no poema “O teu olhar”. Na verdade, o singelo erotismo representa subterfúgio ao que deseja bradar ao mundo sinceramente – a exemplo do soneto “Volúpia” em que diz ter corpo prometido à morte. De acordo com Quadros (1966, p. 218), suas obras literárias são Sonetos Completos, Livro de Mágoas, Charneca em Flor, Livro de Sórór Saudade.

No soneto “Crisântemos”, eis os “Sombrios mensageiros das violetas” – Espanca (1997, p.7) consoante a tradução de Sergio Faraco. Opõe o amarelo solar à chama violeta curativa – chama mística estudada no esoterismo (símbolo de perdão e misericórdia). Caracteriza, assim, o amor pela miséria humana. “Alvorecer” associa o raiar do dia à orquídea. A natureza é bem presente nos textos da escritora. “A voz da Tília”, nas entrelinhas, expressa seu desejo por sincera amizade.

“Ser poeta” enaltece a arte da poesia, que condensa o mundo em único grito. Traduz o poeta como detentor de asas de condor. No esoterismo, a ave simboliza força, inteligência, poder e saúde. Há quem a associe a deuses do mundo superior. Para ela, o poeta é um maior que qualquer homem.

O apelo à cor violeta se repete em sua obra. Em “Exaltação”, traz o violeta à cor dos próprios olhos. Da vida, confessa ter o mel e os travos, pelo que traz na boca o “coração dos cravos”. Não se trata de simples rima, mas de oposição entre o amargo e o doce da vida a que tanto aspirou.

No soneto “No hospital”, há flores diversas, cada qual com signo próprio. A verbena é citada não sem sentido. Para muitos, essa referência pode passar despercebida. Contudo, simboliza o sagrado, a magia, o misticismo (usada em altares, consagrada a Ísis, Juno e Vênus). Na mitologia egípcia, Ísis por todos olha com empenho protetor, solicitude, exercitando natureza maternal e fértil. Na mitologia romana, Juno se relacionava à juventude (deusa protetora das mulheres). Já Vênus (ou Afrodite na Grécia Antiga), protege o amor, a beleza e a fertilidade.

Magnólia e rosa também aparecem no texto. Esta ilustra a pureza. Aquela, perseverança, simpatia. O poema expressaria o desespero de Florbela em razão do aborto espontâneo vivenciado? A morte (presente e ausente) circundou a vida pessoal da poetisa. Para as almas insensíveis e simplórias, tudo dera errado na vida na poetisa. Será apenas isso?

Na expressão poética “Vulcões”, erigem o luar, a neve, o frio e o gelo da indiferença em antítese ao que se espera da eclosão vulcânica. O fogo lava a montanha. Há jogos de palavras entre o verbo lavar e a larva vulcânica – expressão de queda ou declive penetrante.

Em “O meu Alentejo”, Florbela não nega Deus. Compara-o a um pintor, a um artista de profundo saber ao desenhar paisagens e momentos memoráveis. Em “Paisagem”, cenário bucólico é esboçado, o que se rompe na primeira e última estrofes pelo hiato das expressões “sombra duma alma” e “a sepultura”. Pleito de socorro da poetisa com a intenção de constranger o leitor?

Em “Quem sabe” (soneto dedicado a um homem nominado Ângelo), questiona sobre o destino das almas, fala de tropeço na sombra. Assume a estrada de Damasco como caminho próprio. Teologicamente, esse caminho significa o descanso em meio ao deserto.

Em “Vozes do mar”, a poetisa tece diálogos com a epopeia de Camões. Relembra as caravelas, desta feita, para sugerir amargura e mágoa. Comportasse, pois, como Velho do Restelo. “Cravos vermelhos” simbolizam amor, paixão e respeito. Em “Toledo” sentencia: “-Um grande amor é sempre grave e triste”. Florbela não alcançou o amor a que aspirava. Tal como sombra, esse sentimento fugiu ao persegui-lo.

Resta, no mínimo, insensível caracterizar a poesia de Espanca somente como erótica. A prova é tamanha que, em “Dize-me amor como te sou que-

rida”, o soneto associa o amor a uma estranha lida, a um coração desfeito. Espanca se vê em uma cisterna a afundar sem quimeras, crenças, ternuras. Agoniza sem a fé de um moribundo.

“Passeio no campo” versa sobre um amor supostamente alegre que faz a hora divina transcorrer. No entanto, a palavra final do texto é sombria, o que rompe com aparente leveza da escrita. Poeticamente, traz o lamento anunciado, a iminência do fim de sua breve existência. Na poesia “Anseios”, deixou registrado:

Meu doido coração aonde vais,
No teu imenso anseio de liberdade?
Toma cautela com a realidade;
Meu pobre coração olha que caís!
Deixa-te estar quietinho! Não amais
A doce quietação da soledade?
Tuas lindas quimeras irreais
Não valem o prazer duma saudade!
Tu chamas ao meu seio, negra prisão!...
Ai, vê lá bem, ó doido coração,
Não te deslumbre o brilho do luar!
Não ‘stendas tuas asas para o longe...
Deixa-te estar quietinho, triste monge,
Na paz da tua cela, a soluçar!...

103

Essas linhas lembram as ventanias que assolam ruas, sacodem árvores, levantam poeiras e fragmentos. O que a poetisa se esforçou a expressar, até hoje, não se pode afirmar ter sido compreendido, a exemplo das metáforas inseridas no enigmático poema “O meu soneto”. A realidade foi assaz tormentosa à alma sensível da escritora. Sentiu-se deslocada temporal e materialmente.

No soneto “A Anto”, homenageia o poeta de sua mesma nacionalidade António Nobre (1867-1900). Há uma identificação artística entre ambos pela subjetividade romântica, traços do simbolismo, perspectiva confessional, coloquial e saudosista. Tanto Florbela como Anto compuseram poesias que revolucionaram a linguagem de suas épocas. Outra intersecção entre os dois é que, assim como Espanca, Nobre desencarnou precocemente (vítima de tuberculose).

Em “Noite trágica”, Florbela escreve sobre presságios sinistros, de ter medo da noite imensa e triste, fala de dor. Em “Errante”, seu coração se perde nas brumas dos caminhos, na desventura, nos sonhos irreais. Em “Cegueira bendita”, assume não saber quem é. Sente-se cega ao tatear paredes. Descosnhece quem a cegou. Lamenta ter dentro d’alma a luz do mundo sem nada ver

no mar sem fundo. “À tua porta há um pinheiro manso” torna mais evidentes as tendências suicidas ao falar de doces sete palmos do descanso. Compara a soluçante alma (em chaga) à raiz morta de sede sob a terra.

“Junquinhos” dialoga com “A tua voz na primavera”. Em “Frêmito do meu corpo a procurar-te”, veem-se sensualidade e saudade. O soneto “Mentiras” traz o desengano. “Doce certeza” retrata a traição de modo implícito. “Aos olhos dele” - leem-se a descrença e a falta de fé. Em “Versos”, sintetiza a sensibilidade humana e poética: “Versos! Versos! Sei lá o que são versos...”. “Trazes-me em tuas mãos de vitorioso” representa um cântico de lamento, de inconformismo existencial. A poetisa sente não ter a vida lhe ofertado os merecidos bens.

Esse sentir se repete no soneto “Eu”: pela poesia, registra andar perdida pela vida, sem norte. Pressente um “destino amargo, triste e forte” que a impele “brutalmente para a morte”. Vê-se como “Alma de luto sempre incompreendida”. No texto “A minha dor”, fala de claustro, de sombras. Não se sente ouvida, vista.

O termo sombra se repete nos sonetos “Supremo enleio” e “Espera...”. Neste, dialoga com a sombra amada ao ver, além, o nada. No soneto “?”, além de indagar sobre quem perfumara as sombras do jardim, questiona diversos fenômenos, entre eles, quem teria feito os homens e dado vida aos lobos.

Espanca, então, abraça como fuga inicial a poesia. Depois, a morte. No interregno, os sonetos consistem em prévios avisos da única saída que, pouco a pouco, começa a despontar como solução: o suicídio. Sua dor e solidão eram imensas. Em “Falo de ti às pedras das estradas” e “Tortura”, não consegue tirar do peito o choro sentido. Entre o pó e o nada, via apenas rimas perdidas.

Em “Noite de saudade”, traz a saudade que nem sabe de onde vem. Mais uma vez, questiona sobre o ser e o ter. “Flor do sonho” dá a entender algo positivo ao leitor de modo incógnito. “Amiga” destaca o sentimento de tristeza. Em “Para quê?!”, registra: “Tudo é vaidade neste mundo vão”. Para ela, tudo seria tristeza, pó e nada já que os sonhos se transformam em realidades “Que nos deixam a alma como morta” (verso de Florbela). Em “Velhinha”, mais uma vez, constata a brevidade da vida com o passar do tempo.

“Crucificada” fala de dores, entranhas, nascimento por outra mãe. Destaque-se que Florbela sofreu com a dor de dois abortos, o que lhe custou a separação do marido e preconceito social. Estava-se no início do século XX. A

poesia historiou a melancolia crônica vivida. “O maior bem” ilustra desamor, sentimento de desdém e dor que a fazia sofrer.

“Impossível” mostra a incompreensão das pessoas em relação à poetisa. Comparam-na à Sexta-Feira da Paixão por vê-la sempre triste, o que é simbólico. Para os cristãos, essa data marca a crucificação e morte de Jesus. Trata-se da incompreensão social, que via a escritora como um ser a cismar e a pensar na dor, supostamente, inexistente. Todavia, nos versos, Florbela marcou “A minha dor não fala, anda sozinha...”. Dor, portanto, com vida própria.

Nos sonetos “Quem” e “Sem Palavras”, aparentemente focados no universo do amor platônico, traz – nas entrelinhas – provocações sobre olhos tristes, sombras, névoa, quimera e um sorriso de Deus imerecido.

“Que importa?...” cogita ilusão como sol nascente. Em “O meu orgulho”, a poetisa se vê como a primavera “Que em muros velhos faz nascer as rosas”. Em “Inconstância”, a escritora confessa ter pedido “mais da vida do que ela dava”. Constata que seu castelo de luz caiu e que passou a vida a amar e a esquecer.

“O nosso mundo” traz aparente conformismo. Porém, nada é tão aparente em se tratando de Florbela Espanca. Afirma beber a vida “a longos tragos”, que seus sonhos são mais vagos. Dá a entender que não mais se importa com o mundo e com “as ilusões defuntas”. “Anotecer” repete a descrença: “Não sei o que em mim ri, o que em mim chora”. O que chama atenção em “Crepúsculo” - além do próprio título – é o fato de a poetisa ter recorrido à figura mística da borboleta que simboliza efemeridade, transformação, inconstância. Esses traços são marcantes na sensibilidade da escritora.

“Rústica” marca, de certo modo, uma Florbela irônica com o conformismo de muitos em ter confiança na vida eterna. Chega a rogar por essa calma. Daria até seu “trono de princesa” e todos os seus “reinos de ansiedade” por uma vida pacata desprovida da inquietação d’alma.

No soneto “Eu”, Espanca reflete sobre a problemática do autoconhecimento, da quimera, da inquietude sentida pela ânsia de viver e das apagadas cinzas d’alma. “Conto de Fadas” anuncia a lacônica despedida da escritora. Afirma trazer nas mãos o esquecimento das horas más vividas. A obra de Florbela adverte, por diversas passagens poéticas, o fim de sua jornada pelas portas do suicídio.

“Mendiga” traz uma poetisa sinistra que chega a querer ser como o chacal. Na simbologia mística, esse animal associado está à morte, o que bem representa o estado de espírito da escritora. Afirma, da vida, nada ter e nada ser. Vê-se como andarilha pelas estradas, caminhando sem saber para onde marcha. Em “Nostalgia”, Espanca se vê como sombra, na verdade, sombra de uma sombra.

O ser nostálgico se repete em “Não ser” - texto assaz lacônico. “Perdi os meus fantásticos castelos” traz um Florbela distante, como névoa que se esfuma. Confessa a escritora sentir o coração pesar montanhas. O soneto “Os meus versos” clama voltar ao nada o nada. Pede que os versos sejam rasgados.

“In memoriam” é um soneto de rancor. Dedicado a um morto querido. Ao ver da escritora, tudo quanto há de vil e belo é irmão. No entanto, a lição da irmandade, em sua vida, fora perdida como água dentro do mar. Registra vendavais e que fora irmã de um só irmão, optando por não mais ser irmã de ninguém.

“Árvores do Alentejo” é um soneto dedicado ao Prof. Guido Batteli. Retrata horas mortas, planície torturada, árvores sangrentas, revoltadas, trágicos perfis no horizonte, almas que choram e mágoa. Guido foi amigo e mestre de Florbela. Responsável pela tradução de grande parte da obra da poetisa para o italiano, ao deixar Portugal (o que muito a entristeceu), procurou divulgar os textos da escritora junto à imprensa italiana. Após a morte de Espanca, o docente se ocupou das edições póstumas dos trabalhos da amiga.

No belo soneto “Amar!”, Florbela usou e abusou das antíteses para expressar a inquietude d’alma. Fala de amor por toda a gente e, ao mesmo tempo, de não amar ninguém. Diz haver primavera em cada vida e ser preciso cantar a vida enquanto florida...

AMAR!
Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: aqui... além...
Mais este e aquele, o outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!
Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disse que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!
Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar.
E se um dia hei de ser pó, cinza e nada

Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...

3 A VIDA COMO PRESSUPOSTO DE DIREITO

O corrente item - segundo objetivo específico proposto - intenciona dis-correr sobre a problemática do suicídio em contraponto à vida humana. Antes de a vida ser interesse juridicamente tutelado, a vida condigna é pressuposto lógico para o exercício de qualquer direito.

Sem vida, inexistente expectativa de direito. O nascimento com vida inicia a personalidade humana. A morte a extingue. O corpo, juridicamente, é tratado como coisa - não obstante, o ordenamento pátrio tipifique delitos contra o respeito aos mortos dos arts. 209 ao 212 do Código Penal: impedimento ou perturbação de cerimônia funerária; violação de sepultura; destruição, subtração ou ocultação de cadáver; vilipêndio a cadáver. Os tipos penais são justificados como relevantes medidas de preservação de valores éticos, de solidariedade e piedade sociais.

No início do ano de 2019, foi publicada a Lei 13.819/2019 com o escopo de instituir a política nacional de prevenção da automutilação e suicídio, a ser implementada pela esfera nacional de poder em regime de cooperação com os entes subnacionais. Conforme informação obtida no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos:

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), de 5,0 a 9,9 mortes por 100 mil habitantes no Brasil tiveram o suicídio como causa no ano passado. “Estima-se que, anualmente, a cada adulto que se suicida, pelo menos outros 20 possuem algum tipo de ideação ou atentam contra a própria vida. O suicídio representa 1,4% das mortes em todo o mundo. Entre os jovens de 15 a 29 anos, é a segunda principal causa de morte”, afirmou a OMS sobre os dados referentes a 2017.

Tão preocupante quanto a problemática do suicídio é a questão da automutilação (ou autolesão ou autoagressão). Reconhece o governo federal que as crianças, adolescentes e jovens se encontram entre os grupos mais suscetíveis. Observa a titular da pasta: “fatores como bullying e cyberbullying, abandono, abusos físicos e sexuais, além de famílias desestruturadas, podem contribuir para o aumento dos índices de suicídio e automutilação”. Automutilação implica conduta em que a pessoa agride o próprio corpo, a exemplo de bater em si. Trata-se de forma de alívio a dores emocionais.

Momentaneamente, até pode trazer liberação da tensão. Contudo, o sentimento subsequente é o culpa, ocasionando círculo vicioso de emoções dolorosas e vergonha. Em casos assim, é preciso encontrar auxílio de profissional especializado em saúde mental.

A temática é relevante, notadamente, pela dor advinda das sensações de desesperança, raiva, aflição, desespero que, por seu turno, podem ensejar isolamento social, automutilação e suicídio em qualquer idade, sexo e condição social. Trata-se de questão de saúde pública e de acolhimento com o próximo. É preciso não julgar, importar-se com o semelhante. Não se deve esperar para ver.

Dialogue-se sobre o assunto. Já advertira Santos (1956, p. 14): “[...] nossa inteligência, em vez de unir, incluir, ela separa, desune, exclui [...]”. Segundo o filósofo, o ser humano cava abismo quando já o tem dentro de si. O abismo surge da desesperança, de não saber lidar com decepções e da intolerância de quem se esperava acolhimento.

O homem desesperado precisa encontrar o que não possui. Sua crença é o desespero, o que aprofunda o abismo. A desesperança traz a inversão dos valores mais caros. O sujeito precisa compreender o estado de abismo e resgatar-se enquanto sujeito. Nesse diapasão, prescreve a Lei 13.819/2019:

Art. 4º O poder público manterá serviço telefônico para recebimento de ligações, destinado ao atendimento gratuito e sigiloso de pessoas em sofrimento psíquico.
§ 1º Deverão ser adotadas outras formas de comunicação, além da prevista no caput deste artigo, que facilitem o contato, observados os meios mais utilizados pela população. [...]

Além do serviço telefônico, deverão ser adotadas diversas formas de comunicação facilitadoras do contato, a exemplo das redes sociais. A lei disciplina que os casos suspeitos/confirmados de violência autoprovocada são de notificação compulsória por parte dos estabelecimentos: de saúde públicos e privados às autoridades sanitárias; de ensino públicos e privados ao conselho tutelar (em tratando de crianças e adolescentes).

A lei caracteriza a violência autoprovocada como: o suicídio consumado; a tentativa de suicídio; o ato de automutilação, com ou sem ideação suicida. A partir de 29 de julho de 2019 – data de vigência da Lei 13.819/2019 – a autoridade policial, ao investigar a suspeita de suicídio – deverá comunicar a conclusão do inquérito à autoridade sanitária sobre o que apurar relativamente às circunstâncias do óbito.

Registre-se que, em 27.set.2019, o Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte (TCE/RN) promoveu “Mesa Redonda” para discutir publicamente a questão da prevenção ao suicídio, bem como os cuidados com a vida. A abordagem foi transdisciplinar. Primeiro, falou a médica psiquiátrica - Dra. Luíza de Medeiros.

Observou que, para Freud, a morte consiste em algo abstrato. Com o suicídio, o que se deseja é cessar a dor, angústia. Recordou a médica mais 800.000 casos de suicídios no mundo. Em termos de Brasil: a) há uma morte por suicídio a cada 45min; b) o Brasil é o 73º no *ranking* internacional e o 8º em números absolutos de mortes por suicídio segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Entre 2000 e 2012, apresentou dados para demonstrar o recrudescimento em 10, 4% no índice de mortes por suicídio no Brasil, sendo mais de 30% em jovens. O Rio Grande do Sul é o estado com a maior taxa de suicídio no país. Advertiu a psiquiatra que tudo, em relação ao suicídio, é multifatorial.

Conforme suas pesquisas, 90% a 97% dos casos estão ancorados em transtornos mentais, a exemplo de transtorno bipolar e quadros depressivos. Expliquou ser a depressão sofrimento significativo e/ou prejuízo funcional a distorcer a realidade. Os pensamentos suicidas abrangem tristeza/vazio e/ou perda de prazer pela vida. Advertiu sobre os principais fatores de risco: insônia, desespero, desesperança, uso de substâncias psicotóxicas, acesso a meios letais e tentativas prévias, sendo o suicídio – por enforcamento – significativo no Brasil.

O que fazer? - Propôs reconhecer, ouvir e conduzir. Reconhecer frases de desespero; ouvir com empatia e respeito (sem julgamentos/interrupções); conduzir ativamente ao auxílio de psiquiatras, psicólogos ou ao disque 188 (número nacional gratuito 24h).

A médica recomendou a conferência do colega médico psiquiatra, Prof. Dr. Neury Botega, evento esse disponível gratuitamente no *YouTube* desde 2018. O pesquisador investigou o comportamento suicida (da biologia ao desespero). Para compreendê-lo, teceu panorâmica histórica ocidental.

Na Antiguidade Greco-Romana, explanou sobre a tolerância com o suicídio – visto como ato de liberdade. Atribuiu a Sêneca (65 d.C.) a seguinte reflexão: “Se o corpo se torna inútil a qualquer tipo de utilização, por que não libertar a alma que sofre em sua companhia?”. Na Idade Média, em razão da tradição cristã, começou-se a condenar o ato suicida. A partir da modernidade, é encarado como dilema.

No século XVII, John Donne discorreu que o homicídio de si mesmo, nem sempre, é pecado. Sua obra foi publicada 18 anos após sua morte (a pedido do próprio autor). Ainda no século XVII, Robert Burton escreveu *Anatomia da Melancolia*. Segundo Botega, Burton consignou: “se há inferno neste mundo, ele se encontra no coração do homem melancólico”. Por outro lado, o suicídio é encenado nas obras de Shakespeare mediante dilema desvinculado de dogmas religiosos.

No século XIX, ao citar Esquirol, o professor discorreu que “O homem só atenta contra os seus dias no meio do delírio”. Por oportuno, recordou Durkeim por haver estudado sociologicamente o suicídio como fator social. No século XX, Camus escreveu sobre o mito de Sísifo e registrou que “Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio”. Freud estudou o luto, a melancolia. Aaron Beck investigou a desesperança, o cognitivismo e concluiu o suicídio não ter a ver com a morte, mas com cessar a dor. Trouxe o conceito de ato-dor: quando a dor não é processada em palavras e sentimentos.

No século XXI, ocorre o suicídio assistido mediante autorização judicial no Oregon/EUA. O número de pedidos, segundo o professor, aumenta a cada ano. Na Inglaterra, o médico pontuou estar a população dividida em relação ao suicídio assistido. A função legislativa de lá decidiu não autorizá-lo, pelo menos, por enquanto.

Advertiu o psiquiatra que o suicídio assistido é diferente de eutanásia. Esta, mesmo entre os países onde o suicídio assistido é permitido, a eutanásia é condenada. Para o pesquisador, é muito difícil assegurar que a morte foi por suicídio.

Óbitos com intenção indeterminada são relevantes. Por isso, tudo leva a crer que os dados da OMS estejam subestimados. No Brasil, de acordo com as informações obtidas pelo estudioso no Ministério da Saúde, os números por suicídio aumentaram em adultos e jovens.

Retomando o evento do TCE/RN, após a fala da médica psiquiatra, refletiu a psicóloga Dra. Jordana Celli. Trouxe a problemática de sobreviver à dor. Detalhou os aspectos multifatoriais que permeiam o suicídio: fatores biológicos, sociais, econômicos, culturais, físicos e psicológicos.

Ato contínuo, o pastor Rubens Amâncio, coordenador da ação voluntária Sentinelas na Ponte Newton Navarro (Natal/RN), explanou sobre a experiência

de tentar coibir suicídios mediante palavra amiga. O grupo congrega voluntários de distintas religiões e ateus, que se revezam 24h, para dirimir pessoas de se suicidarem na ponte.

Chama atenção do Poder Público ao fato de inexistir qualquer proteção (parapeito) em uma ponte que custou milhões de reais aos cofres potiguares. Afirmou a conduta omissiva chegar a descumprir preceito bíblico (Levítico). Segundo seus cálculos, já atendeu mais de 500 pessoas lá. Advertiu sobre o Efeito Werther, ou seja, a propósito do fato de ser o suicídio “contagioso”. Antes de abrir o evento a perguntas da plateia, Elizabeth Trindade, espiritualista, abordou aspectos holísticos do problema.

O próximo item (última seção do estudo) tecerá diálogos entre Direito (espécie do gênero ética), filosofia (cujo escopo maior é pensar o pensar) e literatura. Dos dois objetivos específicos já enfrentados, por ora, pode-se afirmar que o nada não existe. O que existe entre os seres é algo mensurável, mesmo que distante.

A partir do discurso filosófico do porte de Mário Ferreira dos Santos, extrair-se-á que a vida é permeada de crises, algo natural à existência da humanidade. Nas palavras do próprio filósofo (1956, p. 52): “O eu, a personalidade, surge de um separar-se constante, de uma crise que se abre entre o indivíduo e os seus semelhantes e o meio ambiente”. Portanto, a crise surge em todos os momentos do devir, já que a vida é um constante escolher, preterir e preferir. Todavia, crise não é abismo. Este sim fator condutor do desespero. Com esse espírito, passa-se ao próximo momento do trabalho.

4 DIÁLOGOS ENTRE DIREITO, FILOSOFIA E LITERATURA PELA VIDA

A presente seção corresponde ao terceiro objetivo específico da pesquisa. Intenciona tecer diálogos entre Direito, Filosofia e Literatura em prol da vida. Destaque-se que Leonardo Sciascia, intelectual italiano do século XX, harmonizou o garantismo jurídico à literatura, tudo com o escopo de denunciar a bruta realidade do seu tempo.

A literatura consiste em inexorável instrumento de crítica da realidade social (direta ou indiretamente). Na verdade, quanto mais velada a crítica, normalmente, maior inteligência contempla. A filosofia, por seu turno, pensa o pensar. O Direito, nesse diapasão, transforma os fatos sociais (fatos jurídicos) em normas cogentes. Antes de ser jurídico, o fato – primeiro – é jurídico.

Sciascia investigou a problemática da relação poder-justiça – fonte de diversos problemas sociais. Em injusta sociedade (como a brasileira), a justiça espelha a realidade, o que não poderia ser de outro modo. A inter-relação Direito, Filosofia e Literatura melhor explica a pior de todas as opressões: a opressão espiritual. Ao discorrer sobre o fascismo italiano, observaram Gomes e Leão (2018, p. 23): “durante a *ventennio* fascista, os italianos tinham que observar (sempre) todos os ângulos, cautelosamente, antes de pronunciarem qualquer coisa sobre questões políticas (por mais insignificantes que fossem)” – grifo original. Ora, o fato bem lembra a suposta democracia contemporânea brasileira.

Nos últimos vinte (20) anos, o Estado cresceu sob o manto ideológico do politicamente correto, dos supostos consensos, com interferência estatal no cotidiano das pessoas, sendo afastado o desejável ideal libertário. É preciso pensar e agir responsabilmente. Assumir-se enquanto protagonista histórico.

Desconstruir, de quando em vez, é relevante. Há que se refletir sobre diversos assuntos, a começar, pela função judiciária como expressão do superego da sociedade brasileira, o que, em nível de direito comparado, já foi a questionado por autores do porte de Ingeborg Maus (2000, p. 183):

A expansão do controle normativo protagonizado pelo Poder Judiciário é analisada pela autora à luz do conceito psicanalítico [...], que se projeta na função de moralidade pública exercida pelo modelo judicial de decisão. Examina-se a tradição da jurisprudência constitucional alemã a fim de demonstrar que por trás de generosas idéias de garantia judicial de liberdades e da principiologia da interpretação constitucional podem esconder-se a vontade de domínio, a irracionalidade e o arbítrio cerceador da autonomia dos indivíduos e da soberania popular, constituindo-se como obstáculo a uma política constitucional libertadora.

Não seria o momento de reforçar o papel histórico do parlamento? A hipertrofia da função judiciária gera uma sociedade órfã em termos de representação. Não se olvida, por outro lado, a relevância do processo interpretativo insito ao Direito.

Os princípios jurídicos têm ocupado lugar de destaque na teoria contemporânea. De forma alguma, o problema jurídico pode ser reduzido à operação de simples regras. Não obstante, interpretar não seja sinônimo de criar, sob pena de inversão da lógica aristotélica e de Montesquieu.

Retomando a ideia da necessidade de assunção da pessoa enquanto protagonista histórico, Mário Ferreira dos Santos, em 1956, já advertira ser essa a

resposta para enfrentar o estado de decepções e abismo. Lecionou o filósofo (1956, p. 16) - *sic*:

E o homem, êsse grande decepcionado de suas crenças e de suas utopias, sempre malogradas, aceita a proposta daqueles que se decepcionaram antes dêle, Pactua com o imediato, porque o mediato não surgiu; por isso vive os meios que lhe são próximos e não mais os fins.

[...] Quereis uma terapêutica para a *crisis*? [...] Em vez de separar, uni; em vez de abstrair, concrecionai. Não aprofundeis o abismo de vossas idéias, as vossas atitudes, as vossas religiões, as vossas crenças, as vossas artes.

Não vos separeis do passado nem do futuro. Vivei o instante, não como instante, mas como um grande prelúdio do amanhã e um grande realizar-se do ontem, como o ponto de encontro de dois infinitos.

A superação dos desejos suicidas, pois, passa por desconfiar do abismo quando ele se instalar dentro do ser. Arremata o filósofo (1956, p. 17): “E como vencereis a *crisis*, se, como maus actores, como dizia Epitecto, apenas quereis ter um papel no côro?”. Urge resgatar o sujeito enquanto sujeito no atual momento de superfluidades e mediocridades, sob pena de morrer-se e afogar-se em abismos e crises. Sobre o estado de *crisis*, assim pontuou (1956, p. 44), *sic*:

[...] Dêsse modo, surge determinado por suas causas e, em seu existir, sofre a determinação das causas que, com êle, se coordenam, e pela ação de outras causas perecerá afinal.

Determinado antes, determinado durante, e determinado no térmo do seu existir, o ser finito caracteriza-se por essa tríplice determinação que não o abandona nunca, que lhe estabelece limites. E tudo isso é *crisis* (grifo original).

113

Desde Pitágoras, sabe-se que toda cousa (finita) pode ser vista por seu começo, meio e fim. Todo ser finito é um entre tantos. A lei da crise preside todos os seres finitos. O homem é a própria consciência da crise. Há problemas a serem solucionados. Perguntas por responder. A razão humana tende a distanciar as coisas umas das outras a ponto de parecer que, entre elas, se intercala o nada.

Dos Santos (1956, p. 22) contesta: “Mas o nada é impossível. O nada não pode, porque o nada não é ser. E se o nada é nada, como marcar limites?” (grifo original). Segundo o estudioso, a demarcação de limites não se trata de questão de menor importância. Ao contrário, o limite da vida é o limite de tudo quanto não é vida. Ao mesmo tempo, tudo é o quanto pode ser.

O limite que pertence a um também pertence a outro. O limite se instala em todas as coisas finitas, estando as coisas e pessoas em interação. O ser sofre ao se sentir só, separado por um abismo de todos os outros, frente a frente com

a irremediável desilusão. O ser, em sua singularidade, sempre é um desafio à compreensão racional.

Conforme Dos Santos (1956, p. 64): “Não dizemos tudo de uma coisa, nem muito, quando apenas a classificamos em um conceito, pois sabemos que, na coisa, há muito mais, que não é do conceito que a assinala”. Imagine o raciocínio estendido ao ser! Quando se diz que um ser é isso ou aquilo, ocorre implacável redução a conceito. Explicando de outro modo: nesse caso, o ser, formalmente, identifica-se ao conceito, ao esquema abstrato.

Para Dos Santos (1956, p. 45) – sic: “Tôdas as coisas têm um fim, finalidade, que revela um transitar de contrário em contrário”. Todas as coisas procuram (avidamente) o seu (maior) bem com o mínimo esforço possível. A crise é inerente ao ser finito. Dela só se libertaria ao deixar de ser o que é. O filósofo afirma que o ser é absoluta unidade, unidade de simplicidade.

Correlacionando a presente seção com as antecedentes, não raras vezes, ínfimos detalhes revelam íntimas intenções, a exemplo do caso de Florbela Espanca. Pela poesia, gritou o inconformismo, explicitou o abismo d’alma, como se vê em “Interrogação” - ao questionar sobre o que teria sede e fome. O silêncio canta em Florbela, assim como a dor, gritos, visões de mundos novos, visões do infinito. Não conseguiu perceber a imanência da crise ao ser finito. Decidiu, então, se libertar da vida. Em sua época, não foi compreendida e acolhida. Hoje seria?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar todo o referencial teórico trabalhado, por meio dos recursos da pesquisa bibliográfica, desenvolveram-se os seguintes objetivos específicos – consubstanciados por seções temáticas: a) refletir sobre a vida e obra de Florbela Espanca – autora do modernismo português; b) discorrer sobre a problemática do suicídio em contraponto à vida humana (pressuposto de direito); c) tecer diálogos entre Direito, Filosofia e Literatura em prol da vida.

Em relação ao primeiro objetivo científico (seção um do estudo), não se atreveu abraçar a missão impossível de analisar a psicogênese de Florbela – mulher que trazia no próprio nome as letras de uma flor. A intenção foi compreender essa bela e triste flor por sua poesia, ou melhor, o drama humano que a levou a cometer suicídio.

As linhas de Florbela Espanca lembram as ventanias que assolam ruas, sacodem árvores, levantam poeiras e fragmentos. O que a poetisa se esforçou para expressar, até hoje, incompreendido. A realidade foi assaz tormentosa à

alma sensível da escritora. Sentiu-se deslocada temporal e materialmente. O ápice da disjunção resultou no precoce suicídio da artista.

Pela poesia, Florbela ofertou vários sinais do tormento vivido. Não perceberam. Insensibilidade pretérita. Insensibilidade presente. Como o ser humano repete comportamentos históricos coisificantes, o futuro, certamente, repetirá histórias como a de Florbela Espanca. O que fazer? – Colocar-se no lugar do próximo (dever jurídico de alteridade).

No que concerne ao segundo objetivo específico trabalhado (item 2), releve-se que, a partir de 29 de julho de 2019 – data de vigência da Lei 13.819/2019 – a autoridade policial brasileira, ao investigar a suspeita de suicídio – deverá comunicar a conclusão do inquérito à autoridade sanitária sobre o que apurar relativamente às circunstâncias do óbito (relevante em termos de direcionamento de políticas públicas em favor da vida condigna).

O ordenamento passou a tratar a temática como questão de saúde pública. Não obstante, é preciso sensibilizar socialmente para a necessidade de acolhimento do próximo. É preciso não julgar, mas se importar com o semelhante.

O mundo está doente. Há remédios simples e eficazes, tais como a filosofia e a literatura – deixa para o desenvolvimento teórico do terceiro objetivo específico do trabalho. A partir do estudo da Filosofia de Crise, de Mário Ferreira dos Santos, livro publicado em 1956 e deveras atual na suposta modernidade (nada) reflexiva, depreende-se que o ser humano precisa acreditar em uma promessa de vitória seja lá qual for. Havendo essa crença, não há razão para desespero. Cada um, portanto, precisa encontrar o caminho prometido.

Desde Einstein se sabe que a sabedoria reside em ser simples. Porém, sem incidir na simplificação reducionista. Os grandes dilemas da vida diária envolvem o sim e o não. Monossílabos poderosos. O binário precisa ser refletido no tempo certo.

Nesse diapasão, o presente estudo – como não poderia deixar de ser – resta inacabado. Como seres finitos, só se conhecem os fatos segundo a capacidade de conhecer. Conhecer a totalidade das cousas só caberia a um ser infinito. A intenção foi mesmo pensar o pensar e sensibilizar. Seria pueril qualquer tentativa de objetivar conclusão. A título de sugestão para novos trabalhos acadêmicos, que novas pesquisas estudem o direito fundamental à felicidade – direito olvidado em termos de ordenamento constitucional brasileiro.

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Mário Ferreira. **Filosofia da crise**. São Paulo: Logos. 1956.

GOMES, Ana Paula de Oliveira; LEÃO, Gudson Barbalho do Nascimento. **Diálogos jurídicos transdisciplinares em terras alencarinas e potiguares**. Natal: Offset Editora. 2018

ESPANCA, Florbela. **A mensageira das violetas**. Seleção e tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1997.

QUADROS, Jânio. **Curso prático da língua portuguesa e sua literatura**. São Paulo: Editora Formal Limitada, 1966.

<http://www.direitocontemporaneo.com/wp-content/uploads/2014/02/JUDICI%C3%81RIO-COMO-SUPEREGO-DA-SOCIEDADE.pdf>. Acesso em: 17.jun.2019.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm. Acesso em: 19.jun.2019.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 6.ago.2019.

<https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/abril/criancas-adolescentes-e-jovens-estao-entre-os-grupos-mais-suscetiveis-ao-suicidio-e-automutilacao-apontam-especialistas>. Acesso em: 6.ago.2019.

<http://www.tce.rn.gov.br/Noticias/NoticiaDetalhada/3804>. Acesso em: 2.out.2019.

https://www.youtube.com/watch?v=_-DziwsHkZY. Acesso em: 2.out.2019.